Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Quem sou eu?

Nasci no mês de agosto, no ano em que o Brasil entrou na guerra mundial. E, desde os meus primeiros dias aqui na Terra, a coisa começou complicada quanto a como seria o meu nome. Sou o quarto dos irmãos Souza Leme, pois antes de mim já tinha nascido o Odilon, que foi batizado com esse nome em homenagem a um coronel que comandava o quartel do Exército em Lorena, onde meu pai serviu por dois anos. Depois nasceu a Eloísa, que simplesmente tinha esse nome porque meus pais achavam bonito. O terceiro a nascer foi o José Ramon, que teve esse nome em homenagem aos meus avós: José Quirino, pai de minha mãe, e Manuel Ramon, pai de meu pai. Era José Ramon, mas em sua terra natal sempre foi chamado de Zeca; só ficou conhecido como Ramon em Teresópolis-RJ, onde se desenvolveu como artista plástico e assinava os quadros que pintou como Ramon.

Bem, daí nasci eu, e para escolherem o meu nome foi complicado. Meu pai queria que fosse Alexandre ou Nabor, nomes de dois capitães do tempo do Exército, mas meu tio Benedito, que era nosso vizinho e, por ser partidário do político Júlio Prestes, insistia para que eu fosse Júlio. E, finalmente, minha mãe, que era fã do artista de cinema inglês Lawrence Olivier, defendia que Lawrence deveria ser o meu nome. Segundo minha mãe, a coisa ficou assim por uns dois dias, com todos cotrando meu pai pela demora, até que ele resolveu e foi ao cartório para fazer o registro do meu nascimento. Seu Diogo voltou para casa meio que disfarçando, porém, em casa encontrou o tio Dito e minha mãe à sua espera, para saberem qual dos três nomes fora colocado em mim.

"Nenhum dos três", respondeu meu pai. "O menino tem o nome de Nestor, nome que coloquei em homenagem a um amigo que tive no quartel."

Aí, como essas coisas de nome registrado naquele tempo não tinham como ser mudadas, aqui estou eu, Nestor, até hoje. Com sete anos entrei no Lourenço para aprender a escrever e lá, como não podiam mudar, era chamado pelo meu nome de batismo; porém, nas brincadeiras com meus amigos, alguns me chamavam de Japonês e outros de Getúlio, mas nenhum dos dois apelidos colou. Também havia o sapateiro italiano Antônio Juliano, que não sei o porquê me chamava de Garistovomo.

Completei treze anos e fui trabalhar na oficina do Noca, e lá mudaram novamente o meu nome, pois o Titão Fiorito e o Ledinha me chamavam de Ernestino, e assim me chamaram até que partiram. Em 1960, morei por algum tempo na cidade de Teresópolis, e lá eu era o Paulista; o Nestor era um desconhecido. Na juventude, virei Diogo, apelido que herdei de meu pai, também conhecido como Diogo. Um dia virei árbitro de futebol e, nos jogos que apitei, a torcida do time que estava perdendo me chamava por nomes que nem posso colocar no artigo. Também fui chamado de Antenor, assim como de Agenor, por meu saudoso amigo Amadeu Canhassi, e de Espanhol pelo Zézo Ricieri, pela minha descendência do avô espanhol Maneco Alonso.

Bem, assim foi a minha vida: fui chamado, em cada lugar e tempo, por tantos nomes e apelidos que até perdi a conta. E o desfecho de tudo isso aconteceu no dia sete deste mês de dezembro, quando estávamos no Hotel Shelton comemorando o aniversário da amiga Cleide dos Santos. A pedido dela, eu estava fotografando a festa e, quando pedi para duas convidadas olharem para a câmera para a foto, uma delas, chamada Miltes, me disse:

"Capricha na foto, seu Irineu". Bem, Irineu era inédito, tanto que de imediato perguntei: "A senhora acha mesmo que eu tenho cara de Irineu?". Primeiro ela ficou constrangida com a minha pergunta, mas logo caímos na risada pelo acontecido.

Nestor Leme, autor do texto, cuja trajetória é marcada por memórias, apelidos e histórias que atravessam o tempo | *Arquivo Pessoal*

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Reflexões sobre a humanidade

Penso no mundo de hoje e, quase sem querer, comparo-o com o mundo de antigamente. É impossível não perceber quantas mudanças aconteceram. Eu lá dizer que em tão pouco tempo, mas não: desde muito tempo a humanidade vem se modificando. Minha impressão era a de que o homem, em tempos antigos e muito antigos - isso por volta de 3 mil a.C. até o século XVIII -, era muito rude. O mundo moderno começou a trazer também um comportamento diferenciado, maior civilidade, ainda que a corrupção sempre tenha estado presente.

O século XX trouxe conforto, liberdade e avanços inimagináveis. No entanto, parece ter sido somente um século, e novos comportamentos começaram a pipocar. Governos totalitários, fantasiados de democracia, crime organizado, religiões castradoras. Sistemas de governo foram se modificando, fronteiras foram redesenhadas, religiões se multiplicaram: umas enfraqueceram e outras se consolidaram; comportamentos foram se transformando. A tecnologia avançou em saltos, e nós não temos ideia do que será depois. Será que o homem se transformará em um ser melhor ou pior? Humano ou rude? Livre ou tolhido e limitado? Encontro gente de todos os tipos por aí. Quando estou com gente do bem, penso que o mundo ainda tem conserto. Mas, então, vejo notícias ruins, pessoas do mal, e imagino que não sei para onde vamos. Não sei o que existe mais: se é o mal ou o bem. A eterna luta do bem e do mal.

No passado havia coisas boas: as crianças brincavam nas ruas até anoitecer, e os vizinhos se conheciam pelo nome. Mas também havia ruins, como as notícias que demoravam para chegar e, algumas vezes, nunca chegavam. Fumava-se em qualquer lugar, mesmo não sendo saudável, e viajava-se sem cinto de segurança nos carros ou capacete nas motos. Educava-se com castigos físicos, e as mulheres eram tratadas como propriedade. O racismo era algo normal. Hoje, muitos desses costumes são impensáveis e ainda bem! Outros, curiosamente, fazem falta, como o silêncio, a paciência e a convivência real.

Meu pensamento vai ainda mais longe. Volto ao homem do Egito Antigo, a grandiosidade e à escravidão que sustentavam os impérios. Passo pela Coreia e pela China dos imperadores, onde poder e hierarquia valiam mais que a vida comum. Chego à Índia, que até hoje luta para romper com o peso do sistema de castas. Penso na África, ferida por séculos de exploração, com milhões de pessoas negras arrancadas de suas terras e vendidas como mercadoria. Vejo os romanos, os povos germânicos, a brutalidade e a insensibilidade. E quantas mulheres foram silenciadas, submissas e tratadas como objetos. Meu pensamento hoje voou, torcendo para que o homem possa evoluir com bondade, racionalismo, equilíbrio, bom senso, liberdade e muita alegria.

Feliz Natal e um grande Ano Novo!

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Divagações de uma mente autista: a inundação de livros no Natal

Divagações Natalinas | *Henrique Vieira Filho*

Fim de ano é aquela época curiosa em que o mundo entra em modo "ano que vem a gente vê". As pautas somem, os projetos hibernam e, como todo bom workaholic, fico exatamente ao contrário: com a mente fervendo e a ansiedade batendo ponto extra.

Tomava meu café da manhã - ainda com a xícara suspensa no ar - enquanto pensava na revitalização da Biblioteca da ReArte. Planejava datas, organizava mentalmente prateleiras, lembrava do "kit pronto" de livros oferecido pelo governo às bibliotecas reconhecidas... até cair na real: fim de ano! Tudo parado!

Meus olhos, então, pousam na televisão. Lá está Heraldo Pereira, âncora do telejornal. Pronto! A mente abandona o presente sem pedir licença. Lembro-me de quando ele me entrevistou para o Jornal Nacional. Ambos no começo da carreira televisiva. Uma lembrança puxa outra, entrevistas vêm e vão... e, de repente, percebo: sempre associo o Natal a Jô Soares!

E, não! Antes que pensem, não é pela semelhança física com o Papai Noel. Foi justamente por causa do bom velhinho - o Noel, não o Jô - que o Jô, não o Noel, me chamou para uma entrevista que iria ao ar na virada do dia 24 para o 25 de dezembro, no saudoso Programa Jô Soares 11 e Meia, que começava às 23h30 e era unanimidade nacional. Teve de tudo que eu gosto: mitologia (a origem do Papai Noel), arte (presenteei uma caricatura dele como "Papai Jôel") e literatura (deixei em mãos o manuscrito do meu próximo livro). Um Natal televisivo completo e que reprisou dois anos seguidos!

Daí, a mente emenda: livros, biblioteca, Natal, neve, frio... e viajo até a Islândia. Terra de fogo, gelo e muita leitura. Lá, Papai Noel não reina sozinho: são treze figuras mitológicas travessas, filhos de ogros, que aparecem uma por dia deixando presentes nos sapatos das crianças comportadas. Mas, o que realmente me encanta por lá é o "Jólabókaflóð", que podemos traduzir como "A Inundação de Livros". Em novembro, todos recebem um catálogo com os lançamentos do ano. Na noite de Natal, trocam livros e passam horas lendo, com chocolate quente na mão. O resultado? Cerca de 80% das vendas de livros do país acontecem nessa época. Um paraíso literário - ainda que gelado. Talvez ler seja mais atraente do que passear sob nevasca... opa, lá vai a mente de novo.

Começo a sonhar em importar a ideia para o Brasil, até lembrar da logística: aqui, o frete costuma ser mais caro que o livro. E o hábito de leitura, convenhamos, ainda patina. Resta-me dar passos possíveis: ampliar nossa biblioteca, fortalecer clubes de leitura, promover bate-papos literários, trazer autores. Em 2026, com força total!

E sabem quanto tempo durou essa avalanche de pensamentos? Heraldo Pereira ainda falava na TV... Eu ainda segurava a xícara de café... Bem-vindos às divagações da mente de um autista. E, claro: feliz Natal a todos!

104,5 fm SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

Divagações de uma mente autista: a inundação de livros no Natal

Divagações Natalinas | *Henrique Vieira Filho*

Fim de ano é aquela época curiosa em que o mundo entra em modo "ano que vem a gente vê". As pautas somem, os projetos hibernam e, como todo bom workaholic, fico exatamente ao contrário: com a mente fervendo e a ansiedade batendo ponto extra.

Tomava meu café da manhã - ainda com a xícara suspensa no ar - enquanto pensava na revitalização da Biblioteca da ReArte. Planejava datas, organizava mentalmente prateleiras, lembrava do "kit pronto" de livros oferecido pelo governo às bibliotecas reconhecidas... até cair na real: fim de ano! Tudo parado!

Meus olhos, então, pousam na televisão. Lá está Heraldo Pereira, âncora do telejornal. Pronto! A mente abandona o presente sem pedir licença. Lembro-me de quando ele me entrevistou para o Jornal Nacional. Ambos no começo da carreira televisiva. Uma lembrança puxa outra, entrevistas vêm e vão... e, de repente, percebo: sempre associo o Natal a Jô Soares!

E, não! Antes que pensem, não é pela semelhança física com o Papai Noel. Foi justamente por causa do bom velhinho - o Noel, não o Jô - que o Jô, não o Noel, me chamou para uma entrevista que iria ao ar na virada do dia 24 para o 25 de dezembro, no saudoso Programa Jô Soares 11 e Meia, que começava às 23h30 e era unanimidade nacional. Teve de tudo que eu gosto: mitologia (a origem do Papai Noel), arte (presenteei uma caricatura dele como "Papai Jôel") e literatura (deixei em mãos o manuscrito do meu próximo livro). Um Natal televisivo completo e que reprisou dois anos seguidos!

Daí, a mente emenda: livros, biblioteca, Natal, neve, frio... e viajo até a Islândia. Terra de fogo, gelo e muita leitura. Lá, Papai Noel não reina sozinho: são treze figuras mitológicas travessas, filhos de ogros, que aparecem uma por dia deixando presentes nos sapatos das crianças comportadas. Mas, o que realmente me encanta por lá é o "Jólabókaflóð", que podemos traduzir como "A Inundação de Livros". Em novembro, todos recebem um catálogo com os lançamentos do ano. Na noite de Natal, trocam livros e passam horas lendo, com chocolate quente na mão. O resultado? Cerca de 80% das vendas de livros do país acontecem nessa época. Um paraíso literário - ainda que gelado. Talvez ler seja mais atraente do que passear sob nevasca... opa, lá vai a mente de novo.

Começo a sonhar em importar a ideia para o Brasil, até lembrar da logística: aqui, o frete costuma ser mais caro que o livro. E o hábito de leitura, convenhamos, ainda patina. Resta-me dar passos possíveis: ampliar nossa biblioteca, fortalecer clubes de leitura, promover bate-papos literários, trazer autores. Em 2026, com força total!

E sabem quanto tempo durou essa avalanche de pensamentos? Heraldo Pereira ainda falava na TV... Eu ainda segurava a xícara de café... Bem-vindos às divagações da mente de um autista. E, claro: feliz Natal a todos!